

## OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA À DISTÂNCIA

Maria de Lourdes Porfirio Ramos Trindade dos Anjos<sup>1</sup>

Wender Faleiro da Silva<sup>2</sup>

*“No silêncio do pensamento, já percorremos hoje as avenidas informacionais do ciberespaço, habitamos as imponderáveis casas digitais, difundidas por toda a parte, que já constituem as subjetividades dos indivíduos e dos grupos. O ciberespaço: nômade urbanístico, pontes e calçadas líquidas do Espaço do saber”*

(Lévy, Pierre, 2010. p. 104-105).

### **Introdução**

No século XIX ao XX, a educação a distância era empregada, principalmente, na educação não formal, utilizava-se do correio para transmitir informações e instruções aos alunos e receber destes as respostas as lições propostas. Como principal forma de acesso a educação as pessoas residentes em áreas isoladas e distantes, ou aos trabalhadores que não tiveram oportunidades de cursar a tempo o ensino regular, rotulou essa modalidade de ensino, por muito tempo, como de segunda classe e sem qualidade.

Porém, nas últimas décadas, essa concepção está se transformando e ganhando uma nova visão e impulso na sociedade brasileira, principalmente, com o desenvolvimento tecnológico nas áreas de informação e comunicação que favoreceram uma nova roupagem aos cursos, com a utilização de ferramentas pedagógicas diferenciadas e interativas, maior diponibilidade e acessibilidade aos “ciberespaços” e investimentos e valorização dessa modalidade de ensino por parte dos órgãos governamentais.

Com *Internet* é possível a criação de ambientes digitais de aprendizagem (AVA), uma das mais efetivas formas de interação, comunicação, colaboração na construção de atividades coletivas, principalmente para pessoas com deficiências, ao mesmo tempo em que auxilia a superação de outras barreiras que afastam o aluno do acesso a educação favorecendo o seu desenvolvimento e a sua inclusão digital e social.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Educação pela UFS. E-mail: mlprta@ig.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Universidade Federal de Goiás.

Utilizar ambientes digitais de formação a distância em um país nas dimensões do Brasil e com a complexidade que lhe é inerente torna-se uma necessidade premente, porém adequar os meios de ensino tradicionais aos utilizados na educação a distância é uma tarefa árdua e tem sido tema de estudo para muitos Educadores e Tecnólogos. A tecnologia expande rapidamente mostrando que ferramentas e recursos não irão faltar para o desenvolvimento de cursos a distância. Contudo, o uso demasiado e desorganizado da tecnologia pode não ter um resultado satisfatório, é necessário associar a tecnologia às metodologias pedagógicas adaptando-as a realidade virtual. É necessário, ainda, concordar com Paulo Freire (1996) que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Logo, refletir sobre a construção do material didático, o uso de ferramentas e formas de linguagens adequadas torna-se imprescindível para um processo educativo articulado e comprometido com a qualidade e apoiado no desenvolvimento intelectual dos alunos.

E, esse é um dos objetivos do presente texto, que será subsidiado pelo curso de extensão oferecido desde 2007 pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por intermédio do Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (CEPAE) mantido pela Rede de Formação Continuada de Professores em Educação Especial (criada e mantida pelo MEC/SEESP), na modalidade à distância, com a formação de mais de dois mil profissionais da educação de diferentes lugares do país, em três ofertas do curso de extensão, sendo as duas primeiras ofertas denominadas: “Professor e surdez: cruzando caminhos, produzindo novos olhares”, realizadas, respectivamente, em 2007/2008 e 2009. A terceira oferta ocorreu no segundo semestre de 2010, com mais de 1.100 participantes, denominada de “Atendimento Educacional Especializado: Surdez”.

Neste sentido, pergunta-se: O curso de Extensão “*Professor e surdez: cruzando caminhos, produzindo novos olhares/ Atendimento Educacional Especializado: Surdez*” está propiciando aos seus alunos - professores em formação continuada, um ambiente adequado, afim de promover um ensino eficiente em suas várias dimensões, propiciando mudanças na forma de ver e agir de seus educandos surdos ou está apenas funcionando como mero informante? A metodologia de ensino utilizada no referido curso tem atendido as demandas dos professores no tocante ao ensino dos conteúdos curriculares aos aprendizes surdos? Quem são e qual a avaliação os professores que participam deste projeto fazem do curso? Se esses professores já participaram de cursos de Educação a distância e se aprovam essa modalidade de ensino?

A fim de melhor discorrer o tema e situar o leitor, far-se-á um breve histórico da EaD no Brasil e na UFU para depois apresentar o curso e os resultados do curso oferecido pelo Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial – CEPAE/ UFU.

### ***Histórico da EaD no Brasil***

Ao rever a evolução histórica da educação a distância brasileira, percebe-se que tanto no Brasil como no mundo, ela é marcada pelo surgimento e disseminação dos meios de comunicação. Ela perpassa pelo ensino por correspondência; pela transmissão radiofônica, televisiva, até chegar aos atuais processos que utilizam das tecnologias de informação e multimídias, criando os espaços de aprendizagem virtual, que possibilitam tanto a comunicação síncrona como assíncrona.

Apesar, de muitos autores, considerarem o marco inicial da Educação a Distância no Brasil a criação, por Roquete-Pinto, entre 1922 e 1925, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Maia & Mattar (2007) defendem que a mesma iniciou-se um pouco antes, com o movimento internacional de oferta de cursos por correspondência, cuja referência oficial foi a instalação das Escolas Internacionais, em 1904, com a consolidação da república. Eram instituições privadas, norte-americanas, que ofereciam cursos pagos, inicialmente em espanhol, por correspondência em jornais. Segundo Alves (2009) os cursos oferecidos eram voltados para o setor terciário da economia, comércio e serviços, e os materiais didáticos eram enviados pelos correios, que utilizava principalmente as ferrovias como meio de transporte.

Várias iniciativas sucederam-se com a utilização sistemática da radiodifusão com função educacional, a qual visava ampliar o acesso a educação da população brasileira. Em 1923, Henrique Morize e Roquette-Pinto criaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que oferecia cursos de português, francês, silvicultura, literatura francesa, esperanto, radiotelegrafia e telefonia. Em 1927, foi criada, também no Rio de Janeiro, a Comissão de Cinema Educação; em 1932, educadores lançaram o Manifesto da Escola Nova, propondo o uso de recursos de rádio, cinema e impressos na educação brasileira. Em 1934, Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio (MAIA; MATTAR, 2007).

Os primeiros institutos brasileiros a oferecerem sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência foram o Instituto Rádio Técnico Monitor, em 1939, e o Instituto Universal Brasileiro, em 1941. Nas décadas de 1940 e 1950, mais instituições passaram a fazer uso do ensino a distância via correspondência, impulsionadas pelo sucesso do Instituto Universal Brasileiro

Em 1947, SENAC, SESC e emissoras associadas fundam a Universidade do Ar, com o objetivo de oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. A experiência durou até 1961 (MAIA; MATTAR, 2007).

Em 1959, a Diocese de Natal - RN, criou, algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), que foi o marco na EaD não formal no Brasil, que utilizou inicialmente a radiodifusão para a democratização do acesso a educação, promovendo o letramento de jovens e adultos.

O Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares (Projeto Saci) foi concebido e operacionalizado, em 1967, por iniciativa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Tinha como objetivo estabelecer um sistema nacional de teleducação com o uso do satélite. A idéia do Projeto Saci era inovadora e pioneira, vislumbrando as possibilidades dos meios de comunicação de massa em favor da prestação de serviços educacionais. Mas, infelizmente, objetivo maior do Projeto Saci foi abandonado, em sua primeira versão em 1968, o projeto era ótimo e pioneiro, mas encontrou dificuldades para atingir todas as escolas do país, principalmente, para instalação de equipamentos e pessoal (monitores presencias).

Em 1970, teve início o Projeto Minerva, convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, cuja meta era utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. Nessa mesma década a Fundação Roberto Marinho lançou o programa de educação supletiva a distância para o 1º e 2º graus, atual Telecurso 2000, utilizando livros, vídeos e transmissões por TV, além de disponibilizar salas pelo país para que os alunos acompanhem as aulas.

Em 1991 teve inicio o programa *Jornal da Educação*, concebido e produzido pela Fundação Roquette-Pinto. Em 1995, com o nome de *Salto para o Futuro*, foi incorporado a TV Escola (Canal educativo da Secretaria de Educação a Distancia do Ministério da Educação), tornando-se um marco na EaD nacional.

Esse retrospecto mostra o inicio e o papel das instituições citadas para o desenvolvimento da EaD no Brasil, que Alves (2009), resume e a divide em três momentos: A *fase inicial* marcada pelas Escolas Internacionais (1904) e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923), o Instituto Monitor e o Instituto Universal Brasileiro (1941), que capacitaram brasileiros para o mercado de trabalho, no segmento da educação profissional básica.

A *fase intermediária* é marcada pela Universidade de Brasília (UnB), no campo da educação superior, no ano de 1973. Mesmo sufocada pela ditadura militar, essa instituição foi responsável pela projeção da EaD como metodologia de ensino no educação superior, sendo a base para programas de projeção nacional. A Universidade de Brasília, nessa época, ofereceu mais de 20 cursos, seis dos quais traduzidos da Open University. Esses cursos foram utilizados por pessoas de todos os estados. Muitos deles tiveram, além dos alunos regularmente inscritos, um número muito grande de

participantes, uma vez que alguns fascículos foram veiculados por jornais de várias capitais e pela revista editada pela UnB (SARAIVA, 1996).

A terceira fase a mais *moderna* a EaD brasileira é influenciada por várias instituições, mas com destaque para a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT) criada em 1971, o Instituto de Pesquisas Avançada em Educação (IPAE) de 1973 e a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), criada em 1995. Alves (2009) descreve que além dessas instituições, devem ser destacadas as tentativas de criação de um sistema de Universidades Abertas no Brasil, desde 1972, com a tentativa de criar uma regulamentação que permitisse frequência livre em cursos universitários. A primeira iniciativa surge efetivamente em 1974, pelo projeto de lei nº 1.878, que pretendia criar uma instituição de nível superior cujo ensino seria ministrado a distância, através de processos de comunicações diferenciados (correspondência, rádio, televisão). Apesar de discutido no legislativo e no CFE, o projeto foi arquivado pelo Congresso Nacional. Várias outras tentativas foram feitas e frustradas, principalmente sob o argumento do CFE de que “a criação de um sistema tão complexo e original de ensino superior exige planejamento lúdico e rigoroso de pessoas que tenham plena consciência da filosofia que inspira a Universidade Aberta” (ALVES, 2009, p. 12).

Somente houve êxito, em 2005, com a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), oficializada pelo Decreto nº 5.800 de 08 de junho de 2006, que conforme Alves (2009) e Maia e Mattar (2007), foi um marco na história da EaD brasileira, uma vez que ela possibilita maior acesso a educação superior. Porém, segundo Alves (2009), ela não é universidade, mas sim um consórcio de instituições públicas de ensino superior. E, ela não é aberta, pois segundo Maia & Mattar (2007), não possui os princípios norteadores desse sistema, que são: qualquer pessoa pode se matricular, independente da educação prévia; os alunos podem começar os cursos a qualquer momento; o estudo é feito em casa ou em qualquer lugar que o aluno escolha; os materiais dos cursos são desenvolvidos por uma equipe; é oferecida tutoria; a empresa da universidade aberta é nacional em escopo; a universidade matricula um grande número de alunos e utiliza economia de escala.

O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi instituído para o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País. Possui como prioridade a formação de professores para a Educação Básica (Decreto Nº 5.800, 2006). Para atingir este objetivo central a UAB realiza ampla articulação entre instituições

públicas de ensino superior, estados e municípios brasileiros, para promover, através da metodologia da educação a distância, acesso ao ensino superior para camadas da população que estão excluídas do processo educacional.

### *Olhares sobre a EaD na UFU*

Ao longo dos últimos 15 anos a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) vem acumulando experiências com o desenvolvimento de pesquisas tecnológicas e pedagógicas relacionadas ao uso de tecnologias da informação e comunicação. A Instituição conta com um considerável potencial de pesquisas na área, evidenciado pelos trabalhos de pesquisadores nos temas da Inteligência Artificial (Artificial Intelligence), Realidade Virtual (Virtual Reality), Objetos de Aprendizagem (Object Learning) e Plataformas de Aprendizagem (Learning Manager System), entre outros, cujos resultados nos colocam em condições satisfatórias para descobrir e desenvolver diferentes alternativas de aplicação das tecnologias de informação e comunicação ao ensino (CEaD/UFU, 2011).

Mediante esses atributos, a UFU empreendeu ações para a elaboração de sua política institucional de EaD oficializada por meio de resolução do Conselho Universitário em 2004 (Resolução nº 01/2004 do Conselho Universitário – CONSUN) colocando a UFU oficialmente no âmbito dessa modalidade formativa, vale ressaltar que a UFU discutia e ansiava essa questão desde 1997. Esta formalização confirmou-se por meio da resolução 06/2007, do Conselho Universitário de 30 de julho de 2007, que criou o Núcleo de Educação a Distância da UFU (atual, Centro de Educação a Distância - CEaD), responsável pelo apoio e intermédio da criação e operacionalização de cursos na modalidade a distância na Universidade e também pelo documento do MEC, publicado no Diário Oficial da União - Portaria nº 1.262, de 16 de outubro de 2008 - que trata do credenciamento da Universidade Federal de Uberlândia para a oferta de cursos superiores na modalidade a distância.

A Universidade Federal de Uberlândia conta até janeiro de 2011, com sete pólos presenciais no estado de Minas Gerais (Araxá, Araguari, Araguari, Patos de Minas, Uberlândia, Uberaba, Ituiutaba) e dois em São Paulo nas cidades de Igarapava e Votuporanga. Oferece dois cursos de graduação a distância, Administração e Pedagogia, com 360 e 410 vagas respectivamente.

Em 2006, a UFU realizou o vestibular do Curso de Graduação em Administração a Distância (Projeto Piloto da UAB), sob coordenação da Faculdade de Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju, Vol. 2; Nº 2, Jan/Jun 2015

Gestão e Negócios (FAGEN). Em outubro de 2009, iniciou a Graduação em Pedagogia a Distância, no âmbito do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), sob a responsabilidade da Faculdade de Educação (FACED).

No primeiro semestre de 2011 oferecerá dois novos cursos de Graduação. Administração Pública (380 vagas) vinculado ao Programa Nacional de Formação em Administração Pública (PNAP), oferecido pela Faculdade de Gestão e Negócios (FAGEN), no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB/CAPES/MEC. E, graduação em Letras (200 vagas para habilitação em Espanhol e 200 para Inglês) nos termos do Decreto 6.755, de 29 de janeiro de 2009, que implementou a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, aprovado pelo Conselho de Graduação em 19 de novembro de 2010, sob a coordenação do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL).

Em setembro de 2009 deu início as atividades do Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos a Distância, projeto desenvolvido com apoio UFU/SECAD/UAB, com 240 vagas. Em 2010 oferece 450 vagas para o curso de Pós-graduação *lato sensu* em Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão Pública em Saúde.

Desde 2007 oferece o curso de extensão “Professor e surdez: cruzando caminhos, produzindo novos olhares”, que desde a oferta de 2010 passou a ser denominado de “Atendimento Educacional Especializado: Surdez”, sob a coordenação do Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (CEPAE) em parceria com o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC), já formou mais de dois mil profissionais da educação de diferentes lugares do País. E, esse curso de extensão, foco de nossa análise nesse artigo, que será apresentado a seguir.

### **Compreendendo o Universo do Estudo**

O curso de extensão “Professor e surdez: cruzando caminhos, produzindo novos olhares”, de carga horária de 120 horas, ofereceu, em 2007/2008 e em 2009, quarenta turmas com 25 vagas cada, a professores da rede de ensino pública de 40 municípios das diversas regiões do Brasil, totalizando 1000 vagas. A terceira oferta do curso denominou-se “Atendimento Educacional Especializado: Surdez” ocorreu no segundo

semestre de 2010, e ofereceu o dobro de vagas dos anteriores, foram oferecidas 50 turmas com 25 vagas cada, com de 1.151 participantes matriculados.

Com mais de dois mil professores inscritos, esse curso de extensão promove uma reflexão sobre a problemática que tem se instalado no que se refere a educação dos surdos, apresentando discussões teóricas que fornecem aos participantes conhecimentos necessários para a realização de uma prática pedagógica que melhor atenda as necessidades deste grupo de aprendizes. O curso, também, prevê o ensino de um vocabulário básico da Língua Brasileira de Sinais via *web* e DVD e é voltado para a formação de docentes para atuar no ensino e aprendizagem de pessoas surdas. Explora os conceitos, as políticas públicas da inclusão educacional e as garantias legais que envolvem a surdez. Nesse caso, ele apresenta a surdez e seus múltiplos aspectos educacionais, culturais e sociais, exercitando uma alternativa de construção de conhecimentos por meio da Educação a Distância.

O curso é totalmente ministrado via Web, para cada turma existe um tutor a distância que é responsável pelo trabalho de orientação e acompanhamento das atividades presentes na Plataforma. Contém nove ferramentas, destas três são interativas, a *Mensagem* que possibilita que os cursistas troquem e-mails entre si, o *Fórum*, que é o espaço reservado ao debate no grupo sobre questões teóricas e práticas apresentadas no curso e a *Wiki* que tem o objetivo de promover no grupo a possibilidade de construção coletiva de um texto sobre cada unidade temática em estudo. Destas, apenas o Fórum tem um caráter mais regular e durante o curso os participantes são dirigidos para o mesmo com a intenção de discutir alguma questão considerada importante e provocativa.

A opção por focar este estudo, nesse curso, se fundamenta na relevância e abrangência do mesmo, já que se trata de um curso de formação de professores a distância, desenvolvido e promovido pela UFU, através do Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial – CEPAE, em parceria com a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e do desporto – SEESP/MEC. Uma vez que todo o processo de produção do curso já representa um fecundo espaço de pesquisa, pois há enorme carência deste tipo de material no país.

Este estudo possibilitará o desenvolvimento, a avaliação e a reconstrução de um curso que, além de atender uma necessidade social e legal, contribuirá no processo de formação docente. Pois segundo artigo 14 do decreto 5.626, as instituições federais de



ensino devem garantir, obrigatoriamente, as pessoas surdas acesso a comunicação, a informação e a educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação. Nesse caso, essa garantia se estende desde a educação infantil até a superior. Mais adiante em seu , *caput* VIII (§1 ) percebemos que todas as instituições federais de ensino devem disponibilizar equipamentos, acesso as novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva. Não temos, ainda, material pedagógico que seja capaz de orientar e instrumentalizar os profissionais de Ciências em sua prática pedagógica com pessoas surdas. Logo, esse curso sendo construído (e reconstruído) com o uso da Tecnologia de Informação e Comunicação é possível a presença abundante de materiais ilustrativos, dinâmicos e ricos de detalhes fatos importantes no ensino dos surdos e da Língua de Sinais que é visual (espaço-gesto-visual). Também, ter-se-á o olhar voltado na formação inicial e continuada de docentes para o trabalho com pessoas surdas.

Para a coleta de dados qualitativos e quantitativos, foram analisados três conjuntos de questionários, sendo um para cada oferta dos cursos, a saber: 1ª - de 2007 (outubro de 2007 a março de 2008); 2ª- de 2009 (março de 2009 a setembro de 2009) e a 3ª (junho de 2010 a novembro de 2010) respondidos no início do curso pelos participantes. Para avaliar os conteúdos e as ferramentas utilizadas como recurso metodológico no curso foi aplicado um segundo questionário, a uma representatividade de alunos por municípios, buscou-se, ainda, para a coleta qualitativa, todos os elementos disponíveis no curso, inclusive, os dados referentes às interações síncronas e assíncronas, os textos trabalhados e as agendas de atividades. As atitudes e valores serão investigados através de escalas, variados instrumentos de avaliação da auto - aprendizagem e dos seus estilos.

## ***Resultados e discussão***

### *Perfil dos participantes do Curso*

Para a coleta de dados quantitativos com o objetivo de conhecer o perfil dos envolvidos nos cursos, foram analisados 1.712 (78%) questionários respondidos no início do curso, os questionários não foram analisados em sua totalidade (2.193) devido à perda do material e/ou a não devolução dos mesmos pelos alunos.

A análise por gênero encontrou-se resultados semelhantes entre os três cursos, com participação expressiva de mulheres, tendo uma média entre os três cursos de 93,1% de participação delas. A explicação para a participação maciça do público feminino pode ser o fato do curso ser voltado as series iniciais da educação básica. Segundo o MEC/INEP (2003), em Língua Portuguesa, independentemente da série avaliada, a proporção de professores do sexo feminino representa a maioria. No entanto, a proporção de mulheres vai diminuindo gradativamente conforme a série pesquisada aumenta. Já em Matemática, a proporção de docentes do sexo feminino é maior na 4ª série (91,1%), e diminui gradativamente até a 3ª série do ensino médio, quando a proporção de docentes do sexo masculino assume a maioria, representando 54,7% dos docentes.

Quanto ao perfil por idade dos participantes, no ano de 2007 e 2009 respectivamente, 75% e 59% deles tinham entre 30 e 50 anos de idade, o que demonstra um público mais maduro, com mais tempo de docência e especialização profissional, fatos que comprovaremos mais adiante. Recém-formados com idade entre 18 e 22 anos foram encontrados apenas nas cidades sulinas de Derrubadas – RS e Salete – SC, representando pouco mais de 2%, no ano de 2007. E, no ano e 2009, representaram apenas 1,67% dos participantes das regiões de Goiás, Ceará e Pernambuco. Para a turma de 2010, não foi possível observar a faixa etária dos participantes, mas diferentemente das turmas anteriores ela foi composta, por 60,3% de graduandos com menos de cinco anos de formação.

Quanto ao grau de instrução no curso do ano de 2007, mais da metade dos participantes (53,2%) possuem pós-graduação *latu-sensu*; 39,1% graduação; 5,7% possuíam apenas o ensino médio, vale ressaltar que cinco eram mestres (dois da cidade Pires do Rio – GO; dois de Vila Velha - ES e um de Sete Lagoas – MG), e um aluno da cidade de Pires do Rio - GO era Doutor. No ano de 2009, 59% dos participantes possuíam Pós-Graduação *latu-sensu*; 29,1% Graduação; 8,7% possuíam apenas o ensino médio, e dez (1,85%) eram mestres. Distribuição similar ocorreu na turma de 2010, onde 391 (58,3%) participantes possuem pós-graduação (380 (49,6%) possuem *latu-sensu*; e 11 (8,7%) possuem *strictu-sensu* – nível de mestrado) e 320 (41,7%) são graduados. Esses resultados nos mostram um alto grau de formação dos participantes, onde mais da metade possuem um curso de pós-graduação, diferente da realidade nacional em que menos de 30% dos professores possuem pós-graduação, mesmo a

participação de professores em cursos de formação continuada é baixo (MEC/INEP, 2003).

A média, nas três ofertas dos cursos, indicou que 99 % dos participantes são professores da educação básica, e 70,2% concluíram o último nível acadêmico a menos de cinco anos, indicando que a maioria deles está buscando se atualizar e investindo na formação continuada.

Outro elemento importante é que mais da metade (51%) dos professores, em todas as cidades participantes, assume jornadas de trabalho acima de 40 horas semanais (dois turnos), e o mais dramático é que desses 16,6% trabalham os três turnos. Essa realidade está presente em todo o Brasil onde, segundo o MEC/INEP (2003), metade dos professores das áreas de Língua Portuguesa e Matemática, em especial nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio leciona 30 horas semanais (um quinto acima de 40 horas). Como falar em educação de qualidade se o professor tem que trabalhar demasiadamente para sobreviver dignamente? Quando ele se qualificará, planejará, refletirá sua prática docente?

O fato mais interessante é que apenas 34,7% dos professores que participaram do curso têm ou tiveram alunos surdos, e apenas 4,6% deles apresentavam algum tipo de deficiência, destes 4% apresentavam deficiência física, 24% baixa visão, e 72% surdez de moderada a total. Tais fatos nos mostram que a preocupação com a educação especial é latente em nossa sociedade que se mostra disposta ao contato com as diferenças e está buscando de alguma forma entender melhor as diferenças a procura de um modelo educacional se contrapõe ao modelo anterior de educação especial, que favorecia a estigmatização e a discriminação.

#### *Considerações importantes para a EaD*

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras – ForGrad (2002), salienta que a educação a distância pode contribuir para a busca de novos paradigmas educacionais no sentido de deslocar-se da concepção de educação como sistema fechado, voltado para a transmissão e transferência, para um sistema aberto, implicando processos transformadores que decorrem da experiência de cada um dos sujeitos da ação educativa.

Para isso a EaD deve ser vista com um olhar especial, sempre deve primar pela organização e planejamento, desde sua concepção até a concretização. A educação a

distância nessa abordagem relaciona-se, segundo Almeida (2000), diretamente com o desenvolvimento de uma cultura tecnológica que promova a atuação dos profissionais em ambientes virtuais. Trata-se de estruturar equipes interdisciplinares constituídas por educadores, profissionais de *design*, programação e desenvolvimento de ambientes computacionais para EaD, com competência na criação, gerenciamento e uso desses ambientes.

A EaD é dependente da mediação entre professor/tutor e aluno, é uma relação indireta, logo necessita de combinação adequadas dos meios tecnológicos com empenho e dedicação das coordenações e tutorias dos cursos, vale ressaltar que deve existir uma colaboração entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e não uma dependência do aluno em relação ao tutor e ao professor. Pois não basta disponibilizar aos alunos uma ótimo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ferramentas e meios multimídias interessantes, disponibilizar informações, problemas e objetos de conhecimento... São necessários, porém não são suficientes para envolvê-los em um processo de aprendizagem colaborativa. Para Almeida (2000) é preciso criar um ambiente que favoreça a aprendizagem significativa ao aluno, desperte a disposição para aprender, disponibilize as informações pertinentes de maneira organizada e no momento apropriado, promova a interiorização de conceitos construídos.

Almeida (2000) enfatiza que participar de um ambiente virtual significa atuar nesse ambiente, expressar pensamentos, tomar decisões, dialogar, trocar informações e experiências e produzir conhecimento. Cada pessoa busca as informações que lhe são mais pertinentes, internaliza-as, apropria-se delas e as transforma em uma nova representação, ao mesmo tempo em que se transforma e volta a agir no grupo transformado e transformando o grupo.

Dessa forma a aprendizagem mediada a distância deve respeitar a concepção de aprendizagem significativa, ou seja, a possibilidade dos alunos aprenderem por múltiplos caminhos de forma colaborativa, permitindo o desenvolvimento de competências e habilidades. É necessário compreender que a aprendizagem é um processo de construção particular do aluno, conforme afirma Struchiner (2000):

O processo de aprendizagem em EaD deve ser entendido como um processo de construção particular do aluno, com base em suas próprias vivências e experiências prévias e na interação/negociação com significados, experiências e conhecimentos de outras pessoas envolvidas em seu meio social e/ou escolar. O aluno de EaD deve ter acesso garantido a informações, materiais educativos de qualidade, a pessoas com diferentes níveis e tipos de experiência nas questões abordadas, num ambiente propício ao questionamento, autonomia, voz, e troca, bem como orientação construtiva em seu processo de aprendizagem.

É fundamental despertar no aluno vontade e envolvimento nos seus estudos, pois ele é co-responsável pelo seu processo educativo, sujeito e construtor do seu próprio conhecimento. Deve assumir as responsabilidades necessárias e desenvolver as atividades com criatividade, responsabilidade e qualidade.

Vale ressaltar que nas últimas décadas a EaD supera preconceitos e tabus, adquire novas ferramentas, investimentos e ganha impulso na sociedade brasileira. No início da realização de cada uma das três ofertas do curso de extensão, analisado nesse estudo, foi perguntado aos alunos, se ele participaria de um curso de Graduação ou Pós-Graduação à distância. E, 88% deles responderam que sim, que realizariam um curso à distância. Muitos que antes, ignoravam, incredulavam ou se viam distantes da possibilidade de capacitarem à distância, os vêem com outros olhos.

Como demonstrado anteriormente, no perfil dos participantes, a maioria dos deles (ofertas 2007 e 2009) tinham uma maior representatividade por pessoas mais maduras, muitas delas não sabiam ligar um computador, muitos menos acessar o curso. E desistiram? A maioria não. Foi um caminho árduo, mas com o empenho da coordenação e tutores, em explicar passo a passo, via telefone, quantas vezes fossem necessárias até o aluno sentir-se seguro e realizar o curso, garantiu o sucesso no curso e por que não em dizer também em sua autonomia frente ao computador. Como discutido anteriormente, a EaD necessita de muito planejamento e organização, empenho na mediação aluno-tutor-professor-coordenação, pois lida-se com uma grande diversidade de alunos.

Dos participantes que disseram fazer um curso à distância, a maioria até prefere esse tipo de ensino pelas facilidades de conciliar trabalho e estudos e para muitos é a única oportunidade para estudar. Veja alguns depoimentos:

- “ Pelo fato, de trabalhar o dia todo e não ter disponibilidade e nem dinheiro para me deslocar para outra cidade.”
- “Acredito que aulas-presenciais tornam-se difíceis para pessoas que trabalham o dia inteiro. O rendimento não se equivale quando você pode parar quando está cansado ou continuar estudando noite à dentro quando está disponível”
- “E para mim uma grande oportunidade pela dificuldade de locomoção da região em que moro. Minha residência fica situada em uma ilha e dependemos de transporte marítimo para chegar até a metrópole mais próxima que é Salvador - BA.”

- “Apesar de gostar do contato humano e da oportunidade de interação e troca imediata dos cursos presenciais, hoje opto por cursos à distância pelo ritmo de vida. A correria do dia a dia, a jornada de trabalho, filhos...”

- “Como a rotina de trabalho de um professor costuma ser intensa, acredito que a Educação à Distância é um meio eficaz e prático que torna possível o aprendizado contínuo desses profissionais.”

Quanto ao receio pela qualidade, todos que mencionaram esse item, disseram não temer pela qualidade, pois tal fato dependerá muito de seu próprio empenho:

- “Digo sim para EaD. Porque é um curso sério, para quem leva a sério.”

- “Quando queremos alçar algo muito grandioso como uma graduação ou uma pós-graduação devemos olhar o aprender com olhos gulosos e sendo assim não importa os meios e sim o realizar desse sonho e sendo assim eu cursaria sem medo de errar. Já ouvi falar muito que o aluno da EaD se sentir sozinho e que a qualidade dos cursos deixa a desejar. Porém entendo que, o aluno de Ead tem que entender que pela própria característica dessa modalidade, o sucesso do curso dependerá muito mais dele, necessitando de disciplina, organização e muita atenção para não perder os prazos. podendo tornar o trabalho muito mais intenso e significativo. Além do mais existem várias ferramentas de comunicação que poderão amenizar esta solidão, como os chats, foruns, além dos emails. Sendo assim podemos garantir qualidade e interação e, por isso, participaria sim de uma pós-graduação a distância.”

Quanto à experiência dos que já haviam participado de outros cursos à distância a maioria disseram ter sido uma experiência positiva. Outros desistiram, pois não conseguiram conciliar os estudos com as outras atividades, pensavam que eram cursos que não demandavam empenho e dedicação, ou seja, seria fácil, comodo e rápido conseguir uma certificação:

- “Já participei e gostei da experiência pois pude estudar nos horários que eu mesma estabelecia.”

- “Ja participei destes cursos, achei interessante, mas um pouco complicado pelo fato de os textos serem muito extensos, acho bem importante a educação a distancia, pois nos propicia uma margem de formação muito facil, sem precisar sair dos nossos aposentos, acredito que essa modalidade de ensino serve a todos os profissionais e estudantes da educação básica.

-“Não participei totalmente, a minha ultima pós foi parcialmente a distancia, já que tínhamos que realizar as atividades em casa, e tínhamos apenas um encontro mensal. Eu achei muito valido, porém o aluno tem que se dedicar bastante. A Educação a Distância, abre muitas oportunidades, e serve para todos que tenham real interesse em aprender.”

- "já participei. No começo era contra, mas depois que comecei a participar percebi que requer muita dedicação. Nem todos podem participar porque exige conhecimentos prévios sobre vários assuntos; e muitas pessoas, devido a Lei, cursam pedagogia on line, por exemplo, e mal sabem escrever!" Quando você já realizou um curso presencial ou tem alguém para dialogar sobre o que se estuda é bom. Estes cursos exigem dedicação total por parte do estudante. Não é tão fácil assim!"

-"Sim. Ótima experiência. Além de aproveitar o curso em si, aprendi a respeitar os horários de estudo e para cumprir o cronograma precisei de disciplina. Além de poder investir em mim num horário acessível e dentro da minha casa. Como capacitação de professores eu acho maravilhoso, porém o professor não poderia ter jornada dupla, pois não daria conta."

Os relatos apresentados reforçam as discussões iniciais, onde a EaD ganha cada vez mais espaço em nossa sociedade e que o sucesso dela depende do planejamento, organização e escolha de ferramentas e metodologia adequadas, além da mediação estabelecida entre curso-aluno e da conscientização da co-responsabilidade entre os participantes.

#### *Avaliação do curso*

No geral, os cursistas aprovaram o curso e suas ferramentas, embora as ferramentas, não tenham sido utilizadas atendendo sua finalidade em decorrência de os participantes não conseguirem estabelecer uma rotina de estudo. Assim, o *Fórum* deixou de ser um espaço para debate, funcionando como mais uma ferramenta para o registro de impressões sobre as temáticas estudadas, o que empobreceu as funções da ferramenta e em contrapartida do curso, que ficou prejudicado pela falta de interação e debate. Pois, é na troca de idéias, no debate e no conflito que se abre oportunidade para o surgimento de reflexões importantes no cotidiano dos profissionais que poderão convergir para o repensar das ações desenvolvidas na sua atividade profissional.

Este estudo pretendeu-se verifica os fatores e as ferramentas que interferem, positiva e negativamente, na construção do conhecimento. Ainda, comparou as expectativas dos cursistas antes de realizar o curso e sua satisfação durante o mesmo, buscando compreender a adesão desta ação política de formação continuada utilizada pela SEESP/MEC desde 2007 pelos docentes da educação básica do país.

Segundo os depoimentos registrados na ferramenta fórum, aqueles cursistas que realizaram o curso<sup>3</sup>, este tem sido produtivo, pois tem influenciado principalmente na forma de compreender a surdez e de pensá-la educacionalmente.

Podemos verificar no depoimento de uns participantes que o curso contribui com o desenvolvimento de um pensar e de uma prática diferenciada na escolarização de estudantes surdos:

Apesar disso, os estudos realizados durante este curso foram de grande valia para meu aprimoramento profissional. Hoje compreendo o que é a libras, que, por ser uma língua tem características próprias. Compreendo que libras não é somente a maneira de se comunicar com as mãos (como pensava antes deste curso). Continuarei os estudos confiando que este curso me subsidiará bastante em minhas práticas pedagógica, podendo até, quem sabe, contribuir para a melhor formação de meus colegas sobre o assunto (Depoimento de um (a) cursista).

Penso que todas as atividades propostas são perfeitamente aplicáveis em sala de aula e levará aos alunos e professora conseguir grande êxito em sua tarefa de letramento. Além do que, não são atividades a serem usadas exclusivamente para o letramento de alunos surdos, podendo ser aplicadas a todos os alunos da sala com ou sem deficiências (Depoimento de um (a) cursista).

Considero que todas as atividades propostas pelo curso são muito produtivas, pois sugerem que o professor trabalhe de forma criativa e contextualizada, o que com certeza desperta no aluno a motivação e o interesse (Depoimento de um (a) cursista).

Os conteúdos disponibilizados me proporcionaram aprender a nomenclatura correta, que antes empregava de maneira errônea, mesmo estando na área da Educação. (Depoimento de um (a) cursista).

Estou aproveitando ao máximo do curso, pois sinto que é uma oportunidade de aprender sobre vários aspectos que envolvem a surdez. Os textos vem trazendo informações e reflexões, contribuindo muito para minha formação profissional (Depoimento de um (a) cursista).

Pôde-se verificar que o curso, apesar de não ter sido desenvolvido de acordo com a rotina planejada tem sido coerente com a proposta de se promover uma ampliação das bases teóricas sobre a escolarização dos estudantes surdos, ainda se

---

<sup>3</sup> Verifica-se um grande número de desistência dos inscritos no curso. Tal desistência precisa ser mais bem estudada, mas alguns elementos identificados ao longo do processo são em decorrência da falta de disponibilidade dos professores para realizar o curso, pois possuem jornada dupla, até tripla de trabalho; ausência de domínio de tecnologia necessária ao uso das ferramentas do curso; falta de equipamento – computador e internet para todos os cursistas. Existia uma idéia coletiva de que o curso por ser a distância não requeria de tempo para sua realização.



propõe a oferecer algumas experiências metodológicas que ao serem exercitadas venham possibilitar a instrumentalização dos profissionais envolvidos neste processo, pois os depoimentos ilustram a importância destes para sua ação profissional na escola, pois:

A oportunidade de aprender através dos estudos de texto, atividades; fóruns; foram de grande importância na elaboração das atividades diárias para a clientela surda; abrindo um leque de novas metodologias, recursos e estratégias a serem exploradas e desenvolvidas no cotidiano da aprendizagem direcionadas aos surdos, proporcionando-lhes com certeza o sucesso de uma aprendizagem de qualidade, utilizando-se recursos apropriados que simplificam a compreensão das informações repassadas (Depoimento de um(a) cursista).

Buscou-se compreender como os cursistas estavam organizando seu tempo frente as demandas do curso e aquelas do seu cotidiano, isto pois, já se havia identificado na fala de muitos desistentes de que ao se inscrever no curso acreditaram que este não lhes demandaria de disponibilidade de tempo para cursá-lo pois era na modalidade a distância. Diante de tal questão pudemos perceber que não é fácil a rotina diária dos cursistas e que estes estavam precisando abdicar de muitos afazeres diários de natureza pessoal para conseguir realizar o curso:

99

---

Ainda não administro bem o tempo, porque trabalho em horário integral, o que se torna um empecilho quando assumo o compromisso em realizar cursos a distância. Pensei em desistir, mas acessei o curso e estou realizando as atividades. Sempre procuro discutir os textos com as colegas de trabalho que estão fazendo o curso. Pelo andamento do curso vejo que a tutora tem se comprometido em desempenhar o melhor possível para atender aos cursandos

Este módulo foi bem diversificado, com textos interessantes, foi bem proveitoso, meu tempo é bastante escasso, pois trabalho o dia todo e faço curso presencial de Direito, ficando os finais de semana para responder as atividades, tenho que dividir muito bem o meu tempo, pois sou casada e minha família também precisa de cuidados, mais apesar das poucas horas que tenho não pretendo desistir, já pensei, mais vou seguir em frente, gosto do curso, traz textos de nível e conhecimento muito bom, só tem acrescentado em minha vida profissional.

Meu tempo é muito complicado, pois na verdade trabalho 70 horas semanas e tenho somente folgas na segunda e sexta a tarde, onde levo meus filhos para aula de inglês, organizar a casa, resolvo problemas particulares no momento como consulta médica, odontológica senão meus, dos meus filhos, etc. Só consegui colocar meu curso em dia devido ao feriado de carnaval, onde não optei por viajar, rever minha família, para atualizar o curso.

Analisando o conjunto dos fatos, percebe-se que a política atual do MEC/SEESP em investir na política de formação continuada de professores na modalidade a distância reflete a intenção de transferir aos profissionais a responsabilidade de sua formação profissional continuada e/ou em serviço para os mesmos isentando as instituições empregadoras de tal responsabilidade. Pois, cria nestes profissionais a ilusão de que existe um espaço para esta formação disponível a todos, no entanto, não se oferece as condições de realizá-la no horário de trabalho, pois o fato de ser à distância e totalmente via Web transfere as demandas desta formação para o horário de descanso dos profissionais, para serem executadas em suas residências a noite, durante o final de semana e feriados.

Os profissionais que se encontram ávidos pelo conhecimento e sofridos pelas duras realidades de trabalho são forçados a aceitar tal realidade, abdicando de seus direitos de descanso e lazer, de vida familiar para investir na sua qualificação profissional.

### *Considerações finais*

A realização deste estudo pode demonstrar o grande interesse pela Educação a Distância e que muitos dos participantes já estão conscientes de sua co-responsabilidade no sucesso de sua formação.

Aponta também que os profissionais de maneira geral estão interessados em se aperfeiçoarem para alcançar um posto de trabalho ou desempenhar com mais qualidade a função que exerce. Outro elemento a ser ressaltado é que apesar do alto número de participantes que possuem uma jornada de trabalho dupla e até tripla, eles ainda encontram disponibilidade e interesse em participar de espaços de formação continuada. Neste sentido, reforça a necessidade de ofertas de cursos de alta qualidade, ou seja, que apresentem os temas propostos de forma teórica e prática, buscando contextualizá-los com o cotidiano escolar dos participantes.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, M. E. B. (2000). **O computador na escola**: contextualizando a formação de professores. São Paulo: Tese de doutorado. Programa de Pós- Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (org). **Educação a Distância**: estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009. ISBN: 978-85-76-05197-8

BRASIL (1996) **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro,. Brasília, DF.

BRASIL (2006) Decreto Nº 5.800, DE 8 DE JUNHO DE 2006. **Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB**.

CeAD - Centro de Educação a Distância . Apresentação. Disponível in: <http://www.cead.ufu.br/sites/cead.ufu.br/files/ead-ufu.pdf>. Acessado em 03 de janeiro de 2011.

ForGRAD - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras. **Educação a Distância (EAD) na graduação**: as políticas e as práticas. Curitiba, 2002.

LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 6ª ed. 2010. 212p. ISBN 978-85-15-01613-6.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD**: a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. ISBN: 978-85-76-05157-2

SARAIVA, Terezinha. Educação a Distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**. Brasília, ano 16, n.70, 1996. 11p. ISSN: 0104-1037

STRUCHINER, M. Educação a distância (entrevista). **Revista Olho Mágico**, Londrina, nº 21, ano 6, mai. 2000. Disponível in: <http://www.ccs.uel.br/olhomagico/N21/home.htm>.